

PAÑCATANTRA^{1,*}

Tradução, notas e comentários de:

MARIA DA GRAÇA TESHEINER**

MARIANNE FLEMING***

Salve!

PRÓLOGO

*Om!*² Glória aos veneráveis *Lakṣmī, Durgā e Gaṇeṣa!*³ Glória aos grandes poetas!

*Brahmā, Rudra, Kumāra, Hari, Varuṇa e Yama, Vahni, Indra, Kubera, Candra e Āditya, Sarasvatī, os Oceanos, os Yuga e as Montanhas, Vāyu, a Terra, as Serpentes, os Siddha, os Rios, os dois Aṣvin, Ācī, Diti e os filhos de Aditi, as Mães Divinas – Caṇḍika e outras – os Veda, os Santuários, os Sacrifícios, os Gaṇa, os Vasu, os Santos e os Planetas sejam sempre propícios!*⁴

Assim, esta obra, em qualquer tempo e lugar,

seja homenagem a *Manu, Vācaspati, Çukra, Parāçara*, seu filho, e ao sábio *Cāṇakya*,⁵ – autores de tratados sobre política! (1)⁶

Ao perceber que esta era a essência de toda a ciência política do mundo, *Viṣṇuçarman*⁷ elaborou este agradável e encantador tratado científico, em cinco partes. (2)

* Excepcionalmente as notas das autoras virão após o final deste artigo.

** Bacharelada em Língua e Literatura Grega na USP e bolsista de Iniciação Científica pelo programa PIBIC/USP – CNPq, com o projeto “Tradução do *Pañcatantra* e considerações sobre a universalidade e a atualidade do gênero fábula”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Valéria Aderson de Mello Vargas.

*** Bacharelada em Sânscrito na USP. Participa do desenvolvimento do projeto acima referido.

Assim, isto é o que sempre se ouve: num distrito do sul, há uma cidade chamada *Mahilāropya*.⁸ Lá existiu um rei – árvore *kalpa*⁹ de todos os necessitados; com feixes de raios luminosos, originados pelas gemas das tiaras de reis eminentes, cobrindo-lhe os pés; conhecedor profundo de todas as artes – chamado *Amaraçakti*.¹⁰ Seus três filhos, que se chamavam *Vasuçakti*, *Ugraçakti* e *Anekaçakti*,¹¹ eram muito estúpidos. Então, percebendo-os desinteressados em ciência, convocando seus ministros, o rei disse:

– Ai de mim! Bem sabem Vossas Excelências que todos os meus três filhos são refratários ao estudo e falhos de discernimento. Ao vê-los assim, o reino, apesar de tão grande, não me traz felicidade. Ou isto é dito com mais exatidão:

Dentre os descendentes, o não-nascido, o morto ou o estúpido, são preferíveis aqueles dois: morto e não-nascido, pois eles causam pequena dor; o tolo pode atormentar durante toda a vida.(3)

É preferível o aborto; é preferível abster-se de relações sexuais no período fértil; é preferível o natimorto e é preferível até a nascida mulher; é preferível a esposa estéril e é preferível mesmo que permaneça no útero; e não um filho ignorante, mesmo dotado de bela aparência, riqueza e virtudes.(4)

O que se faz com a vaca que não concebe, nem é leiteira? Qual a utilidade de um filho vivo, que não é sábio, nem piedoso? (5)

Para que aconteça o despertar da sua inteligência, é preciso que se ponha em prática alguma estratégia. Eis aqui estabelecida uma assembléia de quinhentos sábios, que usufruem subsistência garantida por mim; portanto, que seja feito com que meus desejos se encaminhem para o sucesso.

Um disse:

– Majestade, a gramática é estudada durante doze anos; depois disso, estudam-se os códigos de leis, de *Manu* e outros, os tratados de política, de *Cāṇakya* e outros, os tratados sobre o amor, de *Vātsyāyana*¹² e outros, e assim então os tratados de justiça, política e amor ficam conhecidos; em consequência, acontece o despertar da consciência.¹³

Do centro da assembléia, o ministro *Sumati*¹⁴ declarou:

– Não é eterna a duração da vida e as ciências das palavras levam muito tempo para que se apreendam. Encontre-se algum compêndio conciso para a compreensão deles. E, por isso, se diz:

A ciência das palavras é deveras infinita, enquanto a vida é diminuta e os obstáculos são numerosos; portanto, a essência deve ser recolhida, rejeitando-se o inaproveitável, do mesmo modo que o cisne recolhe o leite do oceano.¹⁵ (6)

A propósito, há um brâmane chamado *Viṣṇuçarman*, proficiente em todas as ciências, famoso na assembléia dos estudantes. Que os jovens lhe sejam entregues! Certamente ele os tornará esclarecidos em pouco tempo.

O rei ouviu isto, convocou *Viṣṇuçarman*, e disse:

– Ó venerável, faça, por meu benefício, que meus filhos se tornem rapidamente sábios inigualáveis na ciência política. Neste caso, eu determinarei que receba cem concessões territoriais.

Viṣṇuçarman, porém, disse ao rei:

– Majestade, que se ouça minha promessa. Eu não faço comércio com a ciência, nem mesmo por cem concessões territoriais. Todavia, se no prazo de seis meses não tornar vossos filhos versados nas ciências morais, então renunciarei ao meu próprio nome.

Esse rei, junto com o ministro, ouviu a proposta inconcebível do brâmane; exultante e perplexo, entregou-lhe os jovens e atingiu a maior felicidade.

Desta forma, *Viṣṇuçarman* os acolheu; compôs cinco livros – *Desunião de Amigos, Aquisição de Amigos, A História dos Corvos e das Corujas, Perda do Bem Conquistado e Ação Impensada*¹⁶ – para que os príncipes fossem ensinados. Tendo-os estudado durante seis meses, alcançaram o que fora previsto. Desde então, o tratado de moral chamado *PAÑCATANTRAKA*¹⁷ circula pelo mundo com o propósito de educação dos jovens. Por que argumentar mais?

Quem estuda sempre este tratado de moral e o conhece de cor, jamais é apanhado pela destruição, mesmo que esta seja proveniente de *Çakra*.¹⁸ (7)

Fim do prólogo

LIVRO I

LIVRO DA DESUNIÃO DE AMIGOS

Começa aqui o primeiro livro, intitulado *Desunião de Amigos*, cuja primeira estrofe é esta:

A grande amizade que crescia entre um leão e um touro, na floresta, foi completamente destruída por um chagal maledicente e muito ambicioso. (1)

Assim, isto é o que sempre se ouve: num distrito do sul, há uma cidade chamada *Mahilāropya*. Lá viveu um filho de mercador, chamado *Vardhamānaka*,¹⁹ rico devido ao ouro acumulado honestamente. Certa vez, à noite, deitado em seu leito, ocorreu-lhe um pensamento: mesmo na vultuosa riqueza, a estratégia de lucros monetários deve ser pensada e praticada. E, por isso, se diz:

Não existe, na verdade, coisa alguma que não se adquira com dinheiro; portanto, o homem inteligente deve conquistá-lo pelo seu esforço, como único objetivo. (2)

Quem possui riquezas, possui amizades; quem possui riquezas, possui familiares; quem possui riquezas é homem aqui na terra; quem possui riquezas é sábio. (3)

Não há ciência, nem generosidade, nem arte, nem ofício, nem mesmo estabilidade dos ricos que não seja cantada pelos pedintes. (4)

Neste mundo, o inimigo dos ricos age até como se fosse parente; mesmo o parente dos pobres age sempre como vilão. (5)

Das riquezas, que são acumuladas e concentradas de todos os lados, partem os empreendimentos, da mesma forma que das montanhas partem os rios. (6)

Honra-se até quem não deve ser honrado; ama-se até quem não deve ser amado; louva-se até quem não deve ser louvado e este é o poder da riqueza. (7)

Do mesmo modo que os órgãos do sentido podem existir por causa do alimento, os empreendimentos podem ser completados por aquela causa; diz-se que a fortuna é produtora de tudo. (8)

Este homem, ávido por riquezas, mora até num cemitério; depois de abandonar o próprio genitor, vai-se embora para longe. (9)

Se as riquezas pertencem a homens de idade avançada, estes são jovens; os abandonados pela riqueza, porém, são velhos, mesmo que estejam na adolescência. (10)

E o enriquecimento dos homens ocorre de seis maneiras: pela mendicância, pelo serviço ao soberano, pela agricultura, pela aquisição de conhecimentos, pela usura ou pelo comércio. Além disso, a conquista da fortuna deve ser através do comércio, a maneira mais perfeita entre todas estas. E, por isso, se diz:

A mendicância é cultivada por homens de casta inferior; o soberano, infelizmente, não concede o merecido; a agricultura é penosa; a ciência é muito árdua, com a prática disciplinar do mestre; da usura provém a pobreza, pelo desaparecimento da bolsa que vai para as mãos de outros. Não creio existir, neste mundo, ocupação ainda melhor do que o comércio. (11)

De todas as estratégias, a estratégia de estoque de mercadorias é a preferida para enriquecer, porque uma outra além desta é de natureza incerta. (12)

Para o acúmulo de riqueza, o comércio pode ser de sete maneiras, tais como: o comércio de perfumes, o provento com penhores, um negócio em sociedade, a aproximação de um comprador conhecido, a informação mentirosa de preço, os falsos pesos e medidas e a importação de mercadorias estrangeiras. E diz-se:

Dentre as mercadorias, o perfume é a que deve ser comprada. Por que comprar outras, como ouro e outras coisas, quando o que é comprado por um é vendido por cem? (13)

Quando um penhor é deixado na mansão, o chefe glorifica sua divindade pessoal: – Se o depositante morrer, oferecer-te-ei uma oblação. (14)

Feliz, o chefe responsável pelos negócios da sociedade pensa em seu coração: – Hoje obtive uma terra abundante em riquezas; por que desejar outra coisa? (15)

Esse, vendo, com ansiedade, um comprador conhecido que chega, exulta tão ávido pela fortuna quanto pelo filho que nasce. (16)

Além disso:

O logro aos conhecidos com a medida cheia e não cheia, bem como a constante informação de preço incorreto, deve ser o costume próprio dos *Kirāta*.²⁰ (17)

Além disso:

Hábeis na compra de mercadorias, homens que foram a outro país distante alcançam pelo esforço o patrimônio duplicado ou triplicado. (18)

Depois de assim refletir e de ajuntar mercadorias, que seriam levadas para *Mathurā*,²¹ num dia propício, despediu-se dos veneráveis parentes, subiu à carruagem e partiu. Seus dois touros de sinais auspiciosos, criados na casa e chamados *Samjīvaka* e *Nandaka*,²² foram colocados como bestas de carga. Um dos dois, o chamado *Samjīvaka*, desceu à margem do *Yamunā*.²³ Ele chegou até a maré de lama, a perna que afundou rapidamente causou a quebra da canga, e ele caiu. Ao vê-lo naquele estado, *Vardhamāna* entrou em depressão e, por isso, com o coração enternecido pela afeição, interrompeu a jornada durante três noites.

Então, vendo-o abatido, os companheiros disseram: – Ó chefe, por que tu prendes a caravana inteira à incerteza, nesta floresta muito perigosa, apinhada de tigres e leões, por causa do touro? E se diz:

O homem inteligente não deve causar a perda de muito por causa de pouco; pois, justamente, a sabedoria é, à custa de pouco, a preservação de muito. (19)

Após refletir sobre isto, o chefe indicou os homens para a guarda de *Samjīvaka* e partiu, conduzindo o resto da caravana. Então, no dia seguinte, os homens da guarda, percebendo que a floresta era muito perigosa, abandonaram o touro, foram no encalço do chefe da caravana e disseram mentirosamente:

– Senhor, *Samjīvaka* está morto; sabendo, porém, que era querido pelo chefe, foi cremado solenemente por nós.

Ouvindo isto, o chefe, agradecido e com o coração enternecido pela afeição, organizou rituais fúnebres completos em honra do morto, com a libertação de um touro e outros rituais.²⁴

Como *Samjīvaka* estivesse em condições de continuar vivo, com seu corpo fortalecido pelas misturas de águas do *Yamunā* e pelos ventos muito frios, ficou em pé com dificuldade e aproximou-se da margem do rio. Lá, comendo as pontas de grama tenra, semelhantes a esmeraldas, depois de alguns dias, tornou-se corpulento, cachaçudo e forte como o touro de *Çiva*.²⁵ Todos os dias, ficava abrindo com os dois chifres o topo espigado dos formigueiros e mugindo. E, corretamente, isto se diz:

Um desprotegido, se é protegido pelos deuses, permanece vivo; um bem-protegido, se é ferido pelos deuses, perece. O desvalido sobrevive, mesmo abandonado na floresta; o bem-assistido até em casa morre. (20)

Certa vez, o leão chamado *Piṅgalaka*,²⁶ rodeado por todos os animais da floresta, perturbado pela sede, descia até a margem do *Yamunā*, a fim de tomar água, quando ouviu ao longe a voz muito profunda de *Samjīvaka*. Ouvindo-o, com o coração perturbado, escondendo a expressão temerosa, postou-se embaixo de uma figueira, numa formação em quatro círculos. E esta formação em quatro círculos era assim: o leão, os acompanhantes do leão, os servos de sentinela e os batedores.

Dois chacais chamados *Karaṭaka* e *Damanaka*,²⁷ filhos de um ministro, mas com os privilégios perdidos, seguiam-no sempre e os dois consultavam-se mutuamente. *Damanaka* disse: – Meu caro *Karaṭaka*, nosso rei *Piṅgalaka*, que descia até a margem do *Yamunā* para obter água, está parado tão longe. Por que ele retornou, apesar de perturbado pela sede, organizou o arranjo do esquadrão, e permanece embaixo da figueira, vencido pelo abatimento?

Karaṭaka disse: – Meu caro, que interesse temos nisso? Pois se diz:

O homem que deseja se intrometer nos negócios alheios, caminha mesmo para o fim como o macaco que retira a cunha.²⁸ (21)

Damanaka disse: – Como foi isso?

Ele contou:

CONTO I

Perto de uma cidade, no centro de um bosque, há um local de peregrinação devotado a uma divindade,²⁹ cuja construção foi iniciada por um certo filho de mercador. E, ao meio-dia, os trabalhadores, o mestre-de-obras e os outros, vão ao centro da cidade para comer.

Certa vez, chegou um bando de macacos da vizinhança, vagueando de um lado para outro. Um poste feito com madeira de *añjana*,³⁰ cortado ao meio por um dos trabalhadores, estava em pé, com uma cunha de *khadira*³¹ fixada no meio. Nesta ocasião, os macacos começaram a brincar à vontade, nas extremidades das vigas, em cima do terraço e no cimo das árvores. E, dentre eles, um, cuja morte estava iminente, por curiosidade, sentou-se no poste meio serrado, segurou a cunha com as duas mãos e, tão logo começou a puxá-la, seus testículos entraram no meio do poste, no próprio lugar da cunha retirada. O que depois aconteceu já foi contado. Por isso, eu digo: “O homem que...”.³² Nós dois só temos resto de comida como alimento; que interesse temos nisso?

Damanaka disse: – O quê? Você está interessado só mesmo em comida? Isto não é correto. E se diz:

Por causa da ajuda aos amigos e também por causa do prejuízo aos inimigos, o refúgio junto ao soberano é procurado pelo sábio. Quem não sustenta o próprio estômago? (22)

Além disso:

Quando muitos vivem a custa de um, este é o que realmente vive.

E do mesmo modo:

O que não fazem os pássaros, com o bico, para a satisfação do próprio estômago? (23)

(Fim do trecho traduzido)

NOTAS

- ⁽¹⁾ *Pañcatantra* significa “Cinco Livros”. É uma coleção de fábulas indianas, que se supõe ser a primeira em língua sânscrita, compilada nos primeiros séculos d.C. O texto, em alfabeto *devanāgarī*, utilizado para esta tradução é: *Pañcatantra of Viṣṇuśarman*, de M.R. KÄLE, Delhi, Motilal Banarsidass Publishers, 1991.
- ⁽²⁾ Sílabas auspiciosas, comuns nos textos sânscritos.
- ⁽³⁾ *Lakṣmī* – deusa da prosperidade e esposa de *Viṣṇu*. *Durgā* – esposa de *Çiva*. *Gaṇeça* – deus da sabedoria e dos obstáculos, filho de *Çiva* e *Pārvatī* (outro nome de *Durgā*), invocado no começo de composições literárias, pois diz-se que escreveu o *Mahābhārata*, ditado por *Vyāsa*.
- ⁽⁴⁾ Esta invocação a quase todas as divindades reverenciadas na Índia não aparece em todos os manuscritos do *Pañcatantra*, sendo considerada por alguns estudiosos uma interpolação no texto. *Brahmā* – criador do mundo e primeiro dos três deuses da tríade de deuses personificados. *Rudra* – também chamado *Çiva*, terceiro deus da tríade. *Kumāra* (ou *Skanda* ou *Kārttikeya*) – deus da guerra, filho de *Çiva* e *Durgā*. *Hari* (ou *Viṣṇu*) – segundo deus da tríade. *Varuṇa* – deus das águas. *Yama* – deus que governa os espíritos dos mortos. *Vahni* (ou *Agni*) – deus do fogo. *Indra* – rei do céu, deus da chuva, do raio e de todos os fenômenos atmosféricos. *Kubera* – deus das riquezas. *Candra* – a lua, personificada como divindade. *Āditya* – filho de *Aditi*, epíteto de *Sūrya*, o sol deificado. *Sarasvatī* – deusa da eloquência e da sabedoria. *Yuga* – divindades que

presidem os quatro períodos de tempo cósmico entre a criação e a destruição do mundo, proveniente da respiração de *Brahmā*. *Vāyu* – deus do vento. *Siddha* – semi-deuses de grande pureza e perfeição. *Açvin* – irmãos gêmeos, deuses médicos do céu, onde aparecem antes da aurora, num carro puxado por cavalos ou pássaros. *Çrī* – epíteto de *Lakṣmī*. *Diti* – uma das esposas de *Prajāpati*. *Aditi* – outra das esposas de *Prajāpati*. *Caṇḍikā* – epíteto de *Durgā*. *Veda* – os quatro livros da sabedoria. *Gaṇa* – hostes de divindades inferiores, comandadas por *Gaṇeça*. *Vasu* – outras divindades subalternas.

- (5) *Manu* – considerado autor do *Manavadharmaśāstra* (“Código de leis de *Manu*”). *Vācaspati* – epíteto de *Bṛhaspati*, preceptor dos deuses e regente do planeta Júpiter. *Çukra* – regente do planeta Vênus, também considerado autor de uma obra sobre política. *Parāçara* – sábio a quem é atribuída uma obra sobre jurisprudência. Seu filho – *Vyāsa* – é considerado compilador do *Mahābhārata*. *Cāṇakya* – ou *Kauṭilya*, autor do *Arthaśāstra* (“Tratado de Política”).
- (6) Estes números entre parênteses indicam, no texto em *devanāgarī*, a ordem em que estão colocados os diversos *çloka* (estrofe composta por dois versos de 16 sílabas cada um) ou outros tipos de versos, que se interpolam no texto, e trazem as máximas de sabedoria tradicional dos autores saudados. Separamos aqui, como fazem em geral os tradutores do *Pañcatantra*, os versos (*çloka*) do texto narrativo.
- (7) *Viṣṇuçarman* – (“protegido de *Viṣṇu*”) nome do brâmane compilador do *Pañcatantra*.
- (8) Cidade situada na costa do Coromandel, provavelmente a *Maliarpha* de Ptolomeu, próxima a Madrastra.
- (9) Uma das cinco árvores do paraíso de *Indra*, capaz de produzir tudo que se lhe pedisse.
- (10) “Que tem poder imortal”. Os nomes próprios geralmente têm significado de acordo com a personalidade, o comportamento ou a função do personagem.
- (11) “Que tem poder excelente”, “Que tem poder terrível” e “Que tem muitos poderes”, respectivamente.
- (12) Nome do autor do *Kāmasūtra*.
- (13) Este ministro, curiosamente anônimo, refere-se aos quatro objetivos da vida humana: *dharma* (“dever”), *artha* (“interesse”), *kāma* (“amor”) e *mokṣa* (“liberação final”). Este último está representado aqui por *pratibodhana* (“despertar da consciência”).
- (14) “Que tem muita inteligência”.
- (15) Um conto popular da Índia narra a existência de duas classes de cisnes: o cisne comum e um superior, que vive no paraíso e raramente aparece na terra. Para descobrir se um cisne é da classe superior, coloca-se diante dele uma vasilha com água e leite misturados, pois o cisne celeste tem o poder de tomar apenas o leite, deixando a água na vasilha.
- (16) Estes são os títulos dos cinco livros que formam o *Pañcatantra*.
- (17) O mesmo que *Pañcatantra*.
- (18) “Poderoso”, epíteto de *Indra*, deus do céu e dos fenômenos atmosféricos, como os raios e os trovões.
- (19) “Que prospera”.
- (20) Nome de uma tribo montanhesa de costumes considerados degenerados.
- (21) Nome, ainda hoje, da cidade onde nasceu *Kṛṣṇa* (entre outras atribuições, um dos avatares de *Viṣṇu*), e que ainda hoje é centro de peregrinações, situada na província de Agra.
- (22) “Servidor” e “Alegre”, respectivamente. *Sarṅjivaka* é um dos protagonistas da história-quadro, no primeiro livro.
- (23) Rio da Índia, afluente do Ganges e em cuja margem direita está situada a cidade de *Mathurā*.
- (24) Como parte dos rituais fúnebres, há o costume de soltar um touro, que fica livre para vagar à vontade, sem ser molestado.
- (25) Terceiro deus da tríade hindu, muitas vezes representado sobre um touro.
- (26) “Ruivo”, nome do leão, rei da floresta, também protagonista da história-quadro, no primeiro livro.

- (27) “Gralha” e “Domador”, respectivamente. Também são protagonistas. Na coletânea árabe *Calila e Dimna*, tradução da presumida primeira compilação do *Pañcatantra*, seus nomes traduzidos deram o título à obra inteira.
- (28) Este *çloka* introduz o encaixe da primeira fábula, na história principal do primeiro livro. Cada fábula tem a função de veicular um ensinamento, o que costumamos chamar de “moral”, e se insere na trama através de estrofes específicas, que aguçam a curiosidade, tanto do interlocutor, como do leitor/ouvinte.
- (29) Na Índia, costumam ser construídos pequenos abrigos ou coretos, em honra das divindades, nos bosques que circundam as cidades.
- (30) Nome de uma árvore.
- (31) Árvore conhecida no ocidente como “acácia”, de madeira muito dura.
- (32) O *çloka* introdutório é mencionado apenas pela primeira palavra, sem necessidade da repetição, como é costume entre os indianos que estudam os textos sagrados. Com isto, retorna-se à narrativa principal.